

VANT nos conflitos irregulares: análise das dinâmicas de utilização

UAVs in irregular conflicts: analysis of usage dynamics

VANT en los conflictos irregulares: análisis de las dinámicas de utilización

Diogo Calazans Corrêa

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Rio de Janeiro/RJ - Brasil
diogoccorrea@hotmail.com

Jessika Cardoso de Medeiros

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Rio de Janeiro/RJ - Brasil
jessika_medeiros@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estudar o emprego de veículos aéreos não tripulados (VANT) no contexto de uma guerra irregular. Através de uma fundamentação teórica pautada nos recentes conceitos e definições acerca dos conflitos assimétricos, das experiências práticas de utilização dos drones e dos dados e informações relativos aos resultados obtidos durante e após os conflitos, busca-se o entendimento da dinâmica de aplicabilidade do equipamento em questão, levando-se em consideração principalmente seu impacto psicológico nas diversas esferas das sociedades envolvidas, fazendo-se uma avaliação em específico dos conflitos no Afeganistão. Este texto não visa encontrar respostas exatas, mas sim elucidar o cenário envolvendo estes dois temas que, apesar de muito debatidos, possuem pouca literatura nacional e profundas dificuldades de conceituação e regulamentação, devido à contemporaneidade dos temas.

Palavras-chave: VANT. Guerra irregular. Conflitos contemporâneos. Afeganistão.

Recebido / Received / Recibido
03/06/14

Aceito / Accepted / Aceptado
18/07/14

ABSTRACT

This article aims to analyze the use of unmanned aerial vehicles (UAVs) in the context of irregular warfare. Through a guided theoretical foundation in the latest concepts and definitions about the asymmetric conflicts, the practical experiences of the use of drones and the data and information related to the results obtained during and after conflict, we seek to understand the dynamics of applicability of the equipment in question, taking into account especially its psychological impact in the many spheres of the societies involved, making a specific evaluation of the conflict in Afghanistan. This text does not aim finding exact answers, but lighten the scenario involving these two issues, which although much debated, have few national studies and profound difficulties of conceptualization and regulations due to the contemporaneity of them.

Keywords: UAV. Contemporaries conflicts. Afghanistan.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo estudiar el empleo de vehículos aéreos no tripulados (VANT) en el contexto de una guerra irregular. A través de una fundamentación teórica pautada en los recientes conceptos y definiciones acerca de los conflictos asimétricos, de las experiencias prácticas de utilización de los drones y de los datos e informaciones relativas a los resultados obtenidos durante y después de los conflictos, búsqueda-si la comprensión de la dinámica de aplicabilidad del equipamiento en cuestión, llevándose en consideración principalmente su impacto psicológico en las diversas esferas de las sociedades envueltas, haciéndose una evaluación en específico de los conflictos en Afganistán. Este texto no visa encontrar respuestas exactas, pero sí clarear el escenario envolviendo estos dos temas que, a pesar de muy debatidos, poseen poca literatura nacional y profundas dificultades de conceituação y reglamentación, debido a la contemporaneidad de los mismos.

Palabras-clave: VANT. Conflictos contemporáneos. Afganistán.

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia sempre transformou o mundo, tanto no que diz respeito ao mundo material quanto nas relações humanas (sociais e políticas). Segundo Clausewitz (1976, p. 87), “a guerra não é meramente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, a continuação do relacionamento político, levado adiante por outros meios”. Clausewitz em sua obra “Da Guerra” expõe que é inerente o fato de que a guerra também mudou com o advento de novas tecnologias. Entretanto, esta não é uma relação que possui característica unidimensional. Não só a tecnologia muda a guerra, mas a guerra muda a tecnologia, numa relação dialética complexa.

Atualmente, os conflitos assimétricos têm se mostrado como uma das principais formas de combate, com a tendência de se tornarem mais frequentes ao longo dos próximos anos devido a sua eficácia. O desafio que os envolve é que, por ser uma forma de embate relativamente recente, ainda existe pouca informação e teorização a respeito dele. Portanto, a questão que se quer abordar neste artigo é: como esta nova tecnologia se enquadra no cenário da atual guerra irregular e como se dá esta nova relação?

Derivado deste questionamento, este trabalho procura responder algumas perguntas (e fazer outras). Para efeito didático e de organização, ele foi dividido em 03 (três) partes. A fundamentação teórica visa abordar os paradigmas dos conflitos irregulares, o componente psicológico nas

guerras assimétricas e a tendência que estas vêm seguindo de “suavizar” os seus conflitos. A partir desse último tópico os VANT entram com maior força, pois podem ser empregados de forma ofensiva e precisa, de maneira a diminuir o impacto para quem está operando. Esse tema será tratado com mais detalhes no decorrer deste artigo.

A segunda parte será uma análise sobre o uso dessas aeronaves na Guerra do Afeganistão, abordando o crescente número de patrulhas aéreas entre os anos de 2007 e 2011, a questão dos civis em meio aos ataques, analisando o número de mortes, traçando paralelos com o Direito Internacional Humanitário, e o impacto psicológico que o uso de VANT causa em meio ao mundo civil.

A terceira parte analisará, dentro do que foi trabalhado no desenvolvimento teórico e prático, como estes dois tipos de conhecimentos contribuem para a reflexão em torno das possibilidades de emprego de VANT nas guerras assimétricas em geral.

1.1 Fundamentação teórica e os paradigmas dos conflitos irregulares

A guerra irregular (ou guerra assimétrica) é um tipo de conflito um tanto peculiar, pois possui muitas características diferentes da guerra regular convencional, contrariando o tradicional meio de se guerrear das forças

armadas e dos militares de uma forma geral. A ausência de um padrão rígido, a dinâmica e a flexibilidade desse tipo de guerra têm dificultado uma produção acadêmica adequada do tema, parte também devido à complexidade de inseri-lo em contextos históricos de forma integral, resultando em diversos tipos de denominações além das mencionadas anteriormente (VISACRO, 2009).

Não existe uma definição ampla, clara e universal acerca das guerras assimétricas (o próprio termo “guerra assimétrica” é relativamente controverso e divide opiniões), então a maneira mais didática de se entendê-la é traçando similaridades e alguns padrões. Geralmente, conflitos desse gênero são constituídos por grupos menores de atuação (contrariando os grandes contingentes militares das guerras convencionais). Também diferindo estruturalmente dos conflitos tradicionais no decorrer da história, que são marcados por poucas e grandes batalhas, a guerra irregular é concebida por meio de inúmeras atividades relacionadas ao combate, que incluem as batalhas diretas, mas não se limitam a elas, existindo diversos outros tipos de atuações.

Entre as muitas características dos conflitos irregulares, podemos citar: ações táticas efêmeras, não linearidade, difícil detecção, ações de combate no intuito de obtenção de resultados psicológicos, ausência de padrões de planejamento e execução, insubordinação a restrições legais, relevância do apoio da população, menor importância dos aspectos militares, aumento da individualidade, economia de forças, desenvolvimento em fases, indefinição entre os campos de segurança interna e segurança pública, subordinação dos objetivos militares aos objetivos políticos e maior proximidade entre os níveis político, estratégico e tático (VISACRO, 2009).

1.2 O componente psicológico na guerra assimétrica

Como bem define Von der Heydte,

As ações da guerra irregular só ganham significação com a relação psicológica que extraem do adversário [...] Grande parte da condução da guerra irregular é a guerra psicológica, ataque psicológico bem como defesa psicológica e armamento psicológico. (HEYDTE, 1990, p. 247).

Um forte componente na guerra irregular é constituído pelo fator psicológico. O valor das vitórias militares em si perde relevância se elas não forem acompanhadas de ganhos políticos e psicológicos. Nesse sentido, um meio que se mostrou muito eficaz na obtenção de resultados psicológicos desejados foi o terrorismo, principalmente após o fatídico evento do dia 11 de setembro de 2001.

O impacto na psique de uma nação (e naqueles que a compõem, e isso inclui as forças armadas, os líderes políticos e o resto da população), ao se deparar com este tipo de ação não convencional, ainda mais quando é maçantemente repercutida pelas mídias, é imensurável. O impacto psicológico é maior ou menor dependendo do alvo, da localização, do fator temporal, por meio pelo qual acontece e de quem faz o ataque.

Os militares, ainda hoje, são conduzidos pelas ideias de “destruição das forças do inimigo”, da conquista de terrenos, e da manutenção de áreas estratégicas, abordagens que funcionam nas guerras regulares, mas são ineficientes nas guerras irregulares. O verdadeiro centro de gravidade nas guerras assimétricas se encontra no apoio da população. Moradores das regiões em conflito podem ajudar as forças irregulares, tanto direta quanto indiretamente, o que significa suporte em nível tático e operacional. Analogamente, a população é responsável pela continuidade ou término de um conflito, pois exerce pressões na política e influencia a opinião pública (VISACRO, 2009).

Assim sendo, a influência sobre a sociedade, seu impacto psíquico, aparece como elemento determinante na agenda daqueles que lidam com os conflitos assimétricos. A população se tornou uma peça essencial no xadrez da guerra moderna, e ser capaz de manusear e controlar tal peça pode alterar drasticamente a sucessão de eventos e resultar, conseqüentemente, na vitória ou derrota.

1.3 Seguindo a tendência de “suavização” da guerra

Nos últimos anos, a tecnologia militar (e conseqüentemente, a guerra em si) teve um ponto de inflexão. Inicialmente, os esforços para o aprimoramento das armas eram sempre em um sentido de incremento de seu poder de destruição. Entretanto, com o surgimento da energia nuclear e, posteriormente, das bombas nucleares, a letalidade atingiu um ponto crítico que superava as necessidades do poder bélico.

Segundo Liang e Xiangsui,

[...] Mesmo na era pós-moderna, ou pós-industrial, a guerra não deixará de existir. Ela apenas irá permear a sociedade humana, de uma forma mais complexa, mais penetrante, encoberta e sutil. (LIANG; XIANGSUI, 1991. p. 6).

Percebe-se então que o emprego de equipamentos bélicos com alto poder de destruição fica ainda mais restrito, dando lugar às chamadas “armas neoconcepcionais”, amplamente utilizadas nos combates assimétricos contemporâneos e que tornam a sistêmica de embate muito mais complexa em sua abordagem, neste contexto.

Entende-se por “arma neoconcepcional” qualquer coisa que possa ser transformada em arma, mas que não necessariamente foi concebida com este intuito (transcendendo-se assim a ambiência militar). Uma caneta, originalmente criada para escrever, pode se tornar um instrumento de violência e letalidade quando utilizada para perfurar uma pessoa. As guerras assimétricas contemporâneas fazem largo uso de tal concepção e, por isso, o conceito tradicional de arma deve ser rompido para que se possa vislumbrar a abrangência dos meios utilizados para se fazer a guerra em conflitos irregulares.

A partir das reflexões propostas anteriormente, torna-se nítida a situação de vulnerabilidade em que se encontram os indivíduos envolvidos nos embates assimétricos, direta ou indiretamente. O combate contemporâneo incorpora e permeia todas as ambiências e esferas de atuação humana (política, econômica, tecnológica, cultural, diplomática, entre outras), que no passado eram incrustadas unicamente no campo de batalha material, militar, onde basicamente apenas os conhecedores de técnicas de emprego direto da violência e da força “lutavam”. Nesse sentido, a evolução das “armas de precisão” (ou ainda, “armas suaves”), é cada vez mais valorizada. Assim, o ambiente conflituoso atual torna-se propício para o emprego e utilização dos Veículos Aéreos Não Tripulados (VANT).

Os VANT (também conhecidos popularmente como drones) têm uma ampla vantagem no contexto das guerras assimétricas atuais. Apesar de muitos alegarem que a perda de determinado equipamento pode resultar em grandes gastos, devido ao seu alto valor tecnológico agregado, ainda assim, em grande parte dos casos, as quantias gastas com a preparação de pilotos ao longo de suas carreiras se tornam superiores ao custo do drone em si. Ainda que o valor monetário não seja a maior preocupação, os VANT proporcionam algo que não tem preço: redução do impacto psicológico (daquele que o emprega), que é determinante para a vitória ou derrota em um conflito. A ausência física dos pilotos em combate evita perdas humanas, o que significa menos impacto psicológico e menos gastos com treinamento de novos pilotos. Portanto, trata-se de uma economia de vidas, uma economia intelectual e uma economia financeira.

2 SOBREVOANDO O AFGANISTÃO: UM DIAGNÓSTICO EMPÍRICO

Após uma análise teórica do tema, com foco na psicologia de sua utilização, será feita uma abordagem mais direta com fatos e números retirados da Guerra do Afeganistão, que ajudará a ter uma ilustração dos eventos que a base teórica contempla.

A Guerra do Afeganistão teve seu início em outubro de 2001, como resposta ao ataque ao *World Trade Center*

(11 de setembro de 2001) promovido pela *Al Qaeda*. As tropas norte-americanas invadiram o país e declararam guerra, apesar da não autorização das Nações Unidas. Os objetivos da ofensiva eram encontrar Osama Bin Laden e outros líderes da *Al Qaeda*, organização que assumiu a autoria dos ataques de 11 de Setembro de 2001, desmantelar a referida organização e remover do poder o regime Talibã, que apoiava abertamente Bin Laden.

O uso de VANT na fronteira do Afeganistão e do Paquistão é constante e vem aumentando desde o início do conflito. Alguns são usados apenas como monitoramento e coletas de dados para inteligência, outros são para ataque e eliminação de terroristas. Os usados para essa última modalidade são os *Predator e Reaper*. Para se ter uma noção em números, em 2007 havia 21 patrulhas de combate conduzidas por VANT, em meados de 2009 esse número passou para 38, enquanto em 2011 já havia 54 patrulhas, ou seja, em um espaço de tempo de quatro anos, o número de patrulhas mais que dobrou. Além dessas aeronaves das Forças Armadas regulares, de acordo com a *United Press International*, as aeronaves VANT do modelo *Mirsad-1*, foram utilizadas para sobrevoar Israel. As aeronaves estavam sob o controle do ator não estatal *Hezbollah*. Por mais que tais veículos não possuam capacidade de carregar armas, o uso desse tipo de arsenal por atores não estatais poderia gerar um aumento indiscriminado no número de ataques e mortes, pois esses grupos não possuem comprometimento com leis estatais e com convenções do direito, tais como as Convenções de Genebra.

Traçando um paralelo entre o número de patrulhas e o número de ataques, vemos o quão significativo é o seu uso. Em 2007 houve 74 ataques no Afeganistão, e no mesmo ano houve cinco ataques no Paquistão, enquanto no ano de 2012 eram, em média, 33 ataques por mês (o que resulta em uma média de 396 ataques ao ano) no Afeganistão. Com esse excessivo número de ataques, uma pergunta fica no ar: como os civis se situam no meio desse fogo cruzado?

Os civis são uma das maiores preocupações em um ataque, já que a morte de inocentes, além de repercutir negativamente na opinião pública, também desrespeita o Direito Internacional Humanitário (DIH) ou Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA). Em todo Centro de Operações Aeroespaciais no Oriente Médio, inclusive Afeganistão, há um assessor jurídico militar para auxiliar nas orientações relativas ao DICA, além dos tratados internacionais que proíbem os ataques contra civis e exigem que as Forças Armadas minimizem os riscos para eles. Há também um protocolo da OTAN, sustentado pela Força Aérea, no qual se indica que, para se realizar algum ataque em que há conhecimento da presença de civis em áreas ligadas a *Al Qaeda*, é preciso autorização do alto

comando, além de exigir que ataques sejam suspensos quando existe a presença de civis. Ou seja, quanto maior a probabilidade de morte de civis em ataques, mais alto o escalão de comando ao qual a decisão é passada, para ser ou não autorizada, podendo até chegar ao Presidente. Cabe destacar que, em todos os níveis, há o auxílio de advogados para que todas as medidas estejam em conformidade com o DIH e com as Convenções de Genebra.

Nas normas do Direito Humanitário, há a proibição de qualquer tipo de ataque em localidades que se caracterizem como patrimônio histórico, cultural ou religioso, meio de subsistência de civis, unidades sanitárias (nesse sentido se apresentam os hospitais e lugares usados e devidamente demarcados pela Cruz Vermelha), além de escolas e creches. Entretanto, os terroristas possuem os conhecimentos desses procedimentos citados acima e das proibições a que as forças estatais estão subordinadas, e as utilizam em seu benefício, como por exemplo, ao fazer de mesquitas abrigo para combatentes e/ou armazenamento de arsenal bélico, ou seja, fazem com que esses lugares adquiram características de uso dual.

Nessa questão de não atacar localidades civis de uso dual (já que irá gerar mais baixa civil do que de combatentes) é que a discussão dos VANT toma forma. Então, caso realmente seja necessária a eliminação de indivíduos, os VANT seriam o meio preferível para tal finalidade, já que, além de diminuir o número de baixas no lado de quem está usando a aeronave, eles são mais precisos na hora do ataque. Tal precisão foi reconhecida em 2011, na 34ª Mesa Redonda Sobre Temas Atuais do Direito Internacional Humanitário, pelo presidente do CICV, Jakob Kellenberger:

Um dos principais argumentos para investir em tais novas tecnologias é que elas salvam as vidas de soldados. Outro argumento é que os VANT, em particular, aumentam as possibilidades de vigilância aérea em tempo real, assim permitindo aos beligerantes a executarem seus ataques de maneira mais precisa contra objetivos militares e, assim, reduzam baixas civis e danos a bens de caráter civil em outras palavras, possibilitam exercer mais cautela no ataque. (KELLENBERG, 2011).

Entretanto, apesar dessa precisão, das proibições de ataque, dos protocolos a serem seguidos antes da decisão de um ataque ser tomada, e do auxílio jurídico envolvido, ocorrem sim muitas mortes de civis. Como pode ser observado a partir da análise de dados da Organização *Pakistan Body Count*, é possível ter um panorama do número de mortes civis provocadas por VANT. Entre os anos de 2010 e 2013, existia um total de 255 VANT, no qual morreram 2070 civis e 741 ficaram feridos. Contudo, essas informações podem não ser totalmente reais, pois, como

as operações são confidenciais, não há dados oficiais. Tais dados são extraídos de mídias locais e reproduzidos pelo mundo, mas a forma como essas informações serão dissipadas vai depender do órgão midiático e do interesse, principalmente político, de quem é responsável.

Todos esses fatores agregados geram insegurança com relação ao uso de VANT por parte da população. O fator psicológico, já citado nesse artigo, é inerente à população civil, e, conforme a Guerra no Afeganistão e o uso dessas aeronaves foram avançando, tal “cultura do medo de olhar o céu” foi sendo difundida entre adultos e crianças, fazendo com que cada vez mais essa intervenção norte-americana fosse altamente criticada. Mesmo porque uma pergunta que fica a partir do panorama mostrado pelo site *Pakistan Body Count* é que, se esse tipo de armamento é tão preciso e tão eficiente em seu uso, por que há tantas mortes de civis?

3 POSSIBILIDADES E APLICAÇÕES

Giulio Douhet parecia prever o futuro ao colocar como objetivo real da guerra a desmotivação do adversário em relação a sua permanência na luta, incumbindo ao poder aéreo o papel principal nesta perspectiva. Apesar de não contemplar todo o espectro de possibilidades para tal, seu entendimento de que atingir a moral da população era mais importante do que o entrave de batalhas militares efetivamente (e o emprego das operações aéreas neste contexto) era visionário.

3.1 A inteligência

Como se observou, a guerra irregular, diferentemente das guerras regulares tradicionais, está mais associada à sociedade e aos meios de impactá-la psicologicamente, alterando a motivação de continuar no conflito, no sentido que

[...] A ocorrência de vítimas pode eliminar a capacidade de combate de um inimigo, levando-o ao pânico e perda de vontade de lutar, e isto pode ser considerado como um meio extremamente válido de se alcançar a vitória. (LIANG e XIANGSUI, 1999, p. 36).

Mesmo nos conflitos regulares, a inteligência está ligada diretamente ao sucesso de uma campanha, e isso não é diferente nas guerras irregulares, em que a informação e seu manuseio se tornaram determinantes (alguns denominam “guerra de informações” e “guerra midiática”), pois afetam diretamente a população, que é o grande foco da guerra assimétrica. Como a guerra se dá em grande parte na própria sociedade, as ações dos atores presentes nos conflitos assimétricos são

ainda mais imprevisíveis. Dessa forma, a inteligência se configura como uma das melhores ferramentas para evitar investidas por parte dos atores não estatais e, conseqüentemente, evitar mais impacto psicológico.

Neste cenário se dá uma das aplicações mais relevantes com relação aos VANT no contexto das guerras contemporâneas, a espionagem. O VANT, como visto no caso do Afeganistão, foi usado para espionar, obter informações, mapear e captar imagens (de reuniões, quartéis gerais, reservas de armamentos, entre outros). O fator humano é muito mais adequado para adquirir informações em determinados casos (devido ao contato direto entre as pessoas, que transmite maior transparência e intenção), mas, em áreas de alto risco e maior perigo, os VANT se configuram como a melhor opção.

3.2 A combinação adequada de variáveis frente aos novos limites

A ideia por trás de exceder os limites (ou ainda, “ir além dos limites”) reflete o novo conceito acerca das guerras atuais, que transcendem a ambiência militar e a ideologia e prática da guerra tradicional. As regras tradicionais devem ser quebradas, pois já não são mais adequadas aos conflitos do século XXI. Não existe mais a separação explícita do que é um campo de batalha e o que não é um campo de batalha, entre o que é uma arma e o que não é uma arma, entre um militar e um não-militar, entre o Estado e o não-estatal, ou, supra-estatal (LIANG e XIANGSUI, 1999).

A combinação dos recursos é a chave para a obtenção da vitória. O sucesso de grandes líderes e mestres da guerra ao longo da história sempre esteve ligado a isso. Vivemos em uma época em que os recursos são quase ilimitados, principalmente por conta do avanço desenfreado e constante da tecnologia, que parece cada vez mais não possuir limites. Além destes recursos convencionais (no que diz respeito ao campo militar), a transcendência da guerra para outras áreas torna a gama de possibilidades infindável.

O conceito de “guerra em supracombinação”, proposto por Liang e Xiangsui (1999, p. 205), se faz presente. Em um mundo em que a quantidade de recursos se tornou vasta e, concomitantemente a isso, as maneiras de se fazer guerra também, não basta apenas a detenção dos recursos, mas sim a maneira como são combinadas. As possibilidades de combinações se tornaram igualmente amplas, o que torna a questão de encontrar a “combinação adequada” muito mais complexa. Nesse sentido, fica o desafio de como, ou ainda, qual a melhor maneira de combinar ou encaixar os VANT nesta conjuntura. Algumas formas foram

promissoras, como citado anteriormente no que diz respeito à inteligência, outras nem tanto, como foi possível observar no próprio caso do Afeganistão, com as ofensivas indiscriminadas dos drones (acompanhadas de muitas mortes, principalmente de civis).

4 SUPERESTIMAÇÃO DA TECNOLOGIA E “O NÍVEL ZERO DE PERDAS”

É preciso ter em mente que nas guerras, inevitavelmente, pessoas morrerão. Parece uma afirmação óbvia, mas os conflitos contemporâneos estão cada vez mais “afastados” e “robotizados”. Em países que possuem grande desenvolvimento tecnológico, cada vez menos as pessoas estão presentes fisicamente no conflito, sendo substituídas muitas vezes por equipamentos remotamente tripulados, o que leva a um aumento da desumanização e, ao mesmo tempo, a um aumento da barbárie na guerra. Ainda assim, alguns soldados são necessários nos campos de batalha e, queiramos ou não, haverá vítimas em determinados casos.

Decorrente do fato anteriormente exposto, ocorre que alguns Estados tendem a depositar uma confiança excessiva e cega nas novas tecnologias. Esta extravagância resulta em gastos exorbitantes com a guerra e na falsa crença de que a tecnologia é a chave para a obtenção da vitória e para a minimização de perdas humanas. Mísseis mais poderosos, aviões mais rápidos, navios mais equipados, tanques mais resistentes. Entretanto, como foi abordado ao longo de todo o artigo, o poder militar perdeu relevância no contexto atual dos conflitos assimétricos. Além de tal comportamento por si só ser um erro (com implicações políticas, estratégicas, operacionais e táticas), ele acarreta “susceptibilidades a impactos psicológicos”.

As políticas que expressam a caracterização da vida como algo inegociável, como algo essencial (como é possível observar particularmente no caso dos Estados Unidos), refletem a incorporação de um sentimento nacional utópico da ausência de perdas em guerras, naquilo que os coronéis chineses autores de “Guerra Além dos Limites” chamam de “nível zero de perdas”. Tal perspectiva já foi notada por muitos atores não estatais (como é percebido, por exemplo, através do atentado de 11 de setembro), que a utilizam com o intuito de causar mais impacto psicológico, pois

[...] Na maioria das vezes o lado mais fraco seleciona como seu principal eixo de batalha aquelas áreas ou linhas de batalha onde o adversário não espera ser atacado. O centro de gravidade do ataque é sempre um local que irá provocar um enorme impacto psicológico no adversário. (LIANG e XIANGSUI, 1999, p. 242).

Depreende-se basicamente que a superestimação da tecnologia (infere-se neste caso os drones) leva a uma supervalorização da vida humana. Dessa forma, as perdas das vidas ao longo do conflito são mais sentidas, ou seja, causam maior impacto psicológico.

5 CONCLUSÃO

A verdade é que não possuímos muitas certezas no que concerne ao emprego de VANT nos conflitos assimétricos (ainda). Entretanto, com as recentes experiências práticas, já é possível discutir algo sobre o tema, seja o que “deu certo” ou o que “não deu”. Existem benefícios e malefícios, como foi possível

observar, dependendo da forma como o equipamento é utilizado. Nesse sentido, caso este artigo tenha sido responsável por mais indagações a respeito do tema e, posteriormente, por novos trabalhos e debates a respeito de VANT, guerras assimétricas, impacto psicológico e/ou quaisquer temas relacionados, pode-se dizer que o objetivo aqui foi alcançado.

Como bem dizem Liang e Xiangsui, “Na atualidade, ainda é difícil vislumbrar se esta nova era irá redundar no desemprego de grandes efetivos militares, ou se irá abolir a guerra da face da Terra. Tudo isso ainda é indeterminado. A única conclusão certa é a de que, a partir de agora, a guerra não será mais como sempre foi” (LIANG, XIANGSUI, 1999, p.5).

REFERÊNCIAS

BORNE, T. A game of drones: robôs, ciberespaço e segurança no século XXI. **Boletim Mundorama**, Brasília, jun. 2013. Disponível em: <<http://mundorama.net/2013/06/28/agame-of-drones-robos-ciberespaco-e-seguranca-no-seculo-xxi-por-thiago-borne/>>. Acesso em: 5 maio 2014.

CLAUSEWITZ, C. V. **On War**. Reino Unido: Princeton University Press, 1976.

ETZIONE, A. O grande debate sobre os VANT. **Military Review**, Estados Unidos, n. 3, maio/jun. 2013. Disponível em: <http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/Portuguese/MilitaryReview_2013_0630_art012POR.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/>> Acesso em: 5 de maio de 2014.

HEYDTE, F. A. F. V. **A guerra irregular moderna em políticas de defesa e como fenômeno militar**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1990.

KELLENBERGER, J. **International humanitarian law and new weapon technologies**. San Remo, 8 set. 2011. Discurso de Abertura da 34ª Mesa Redonda sobre Temas Atuais do Direito Internacional Humanitário. Disponível em: <<http://www.icrc.org/eng/resources/documents/statement/>

[new-weapon-technologiesstatement-2011-09-08.htm](http://www.icrc.org/eng/resources/documents/statement/new-weapon-technologiesstatement-2011-09-08.htm)>. Acesso em: 20 maio 2014.

LIANG, Q.; XIANGSUI, W. **A guerra além dos limites: conjecturas sobre a guerra e a tática na era da globalização**. Beijing: PLA Literature and Arts Publishing House, 1999.

PAKISTANBODYCOUNT. Disponível em: <http://pakistanbodycount.org/drone_attack> Acesso em: 15 maio 2014.

PROENÇA JÚNIOR, D.; DINIZ, E.; RAZA, S. G. **Guia de estudos de estratégia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

SLUKA, J. A. A morte que vem de cima: os VANT e a perda de corações e mentes. **Military Review**, Estados Unidos, n. 3, maio/jun. 2013. Disponível em: <http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/Portuguese/MilitaryReview_2013_0630_art007POR.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

STOCHERO, T. **Polêmicos e revolucionários: mais de 200 “drones” voam no país sem regra**, G1, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/03/polemicos-e-revolucionarios-mais-de-200-drones-voam-no-brasil-sem-regra.html>>. Acesso em: 5 maio 2014.

VISACRO, A. **Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Contexto, 2009.